

Povos Indígenas no Brasil

Fonte

Jornal do Comércio

Class.:

23

Data

20.04.89

Pg.:

O dever para com a Amazônia

Luiz Paulino Bomfim

Falou na destruição da Amazônia e as vozes de todos se levantaram num brado ímpar de patriotismo: a nossa Amazônia é intocável. Só nós podemos destruí-la. Lá fora se fala em ecocídio como um comparsa, até então desconhecido, do genocídio. Os intelectuais latino-americanos se manifestam contra a possibilidade de destruição da Amazônia e falam em um tribunal internacional para julgar os crimes contra a ecologia. Restam a se manifestar os intelectuais brasileiros, inclusive os que tão prontamente se manifestaram na base da "a Amazonia é nossa".

Temos respondido às manifestações estrangeiras sobre a Amazônia do modo de sempre: vocês também fizeram besteiras, temos todo o direito de repeti-las em nosso próprio território. E assim tem sido feito, é só ver o que se fala a respeito dos índios. Falou os EUA e respondemos na voz de um Ministro: Vocês não podem falar. Vocês destruíram os Navajos. Infelizmente S. Ex.^a não sabe que existem mais Navajos nos EUA do que a totalidade de índios no Brasil.

Os EUA destruíram os seus índios da forma mais estúpida, mas a destruição não alcançou o nível que atingiu no Brasil.

Temos o péssimo hábito de falar sem pensar, de agir sem um plano preestabelecido, detestando todas as informações que nos levem a pensar, estabelecer um plano e nos levar a atos inteligentes, ou seja, aqueles feitos na base de informações. Temos a mais profunda afinidade com a emoção, ela é o nosso grande guia, se não nos leva a resultados satisfatórios, nos leva ao infinito prazer de um êxtase emocional só comparável aos sonhos do ópio e às viagens do LSD.

Nenhuma voz se levantou contra os esbulhos ecológicos nos projetos que atacavam a Amazônia, contra as queimadas — falamos em cinco por cento como um dado baixo, só quase a área do Estado de São Paulo que atinge o europeu como um soco na cara de uma área da dimensão da França. Do Projeto RADAM a outros, às foto-

grafias dos satélites constantemente tiradas, existem dados e informações à nossa disposição para serem estudados, o que falta é vontade de usá-los. Projetos foram executados, com ou sem êxito, com ou sem ataques à ecologia e estão aí para serem estudados e verificado o que pode e o que não pode ser feito. Existe uma massa de informações à nossa disposição, mas preferimos deixar tonitruar as vozes da emoção.

Ainda bem que foram os intelectuais latino-americanos que levantaram as suas vozes; fossem os agrônomos ou engenheiros, seriam ditos técnicos a dar palpites sem o apoio imprescindível da emoção.

Mas nos dão o respaldo das suas vozes para trazer um pouco de sanidade à questão que ninguém pode discutir: temos que preservar a Amazônia. É nosso dever preservar a Amazônia.

Isto quer dizer que se um projeto tiver que despende vinte, trinta ou mais por cento para garantir o meio ambiente, é uma despesa não somente válida mas imprescindível. Na Amazônia, como em qualquer outra parte do País, a viabilidade ecológica é tão exigível quanto a viabilidade técnica ou econômico-financeira. A defesa da Amazônia passa pela defesa da Mata Atlântica, ou o que resta dela, do rio Paraíba e, entre outros, da recuperação da mata que ia da Bahia ao Rio Grande do Norte, onde a devastação começou com o pau-brasil e as madeiras de lei e terminou com a lenha para os engenhos.

O que a recuperação desta mata pode representar para a ecologia e o clima do Nordeste não sabemos, o que temos certeza é que a recuperação do Nordeste não se fará sem ela.

A Amazônia não é o único produtor potencial de oxigênio para o mundo. Todas as áreas com precipitação acima dos 1000mm e situadas entre os paralelos dos 40° com solos não desérticos, semidesérticos ou de montanha, são passíveis de abrigar florestas que atuem como fornecedoras de oxigênio. O total de áreas com estas características existentes na África, Ásia, Oceania, sul da Europa e sudeste dos EUA é maior

que a área total da Amazônia e muito maior do que a área da Amazônia que, por razões ecológicas, tem que permanecer como florestas. Que os demais países façam também a sua parte no fornecimento do oxigênio ao mundo, inclusive porque grande parte destas áreas está no hemisfério norte, onde se localiza a imensa maioria da população deste planeta. As "fábricas" de oxigênio ficarão mais perto dos consumidores.

Mas a Amazônia é nossa e nosso é o dever e a obrigação de preservá-la, de mantê-la para nosso uso e aproveitamento. Todo e qualquer um tem o direito e talvez a obrigação de dar sugestões e até ajuda que não venha condicionada à intromissão indébita. O que não cabe em absoluto é a destruição da Amazônia ou de qualquer outra área do Brasil, ainda que pelos brasileiros. Os brasileiros, em respeito às gerações futuras, não têm o mínimo direito de destruir o país que receberam. Já chega a destruição que foi feita até agora, já chega de gerações destruidoras. O café começou a ser plantado no Rio de Janeiro e terminou no Paraguai; talvez todo o dinheiro que o café nos deu não pague a destruição que causou. O mesmo se pode dizer do açúcar no Nordeste.

O que cumpre agora é garantir que a criação de gado ou que a agricultura ou, ainda mais perigoso, o uso da floresta como combustível para a siderurgia não vá interferir no equilíbrio ecológico da Amazônia. Se for para replantar qualquer área da Amazônia com eucaliptos, como se fez no resto do Brasil, é pura e simplesmente criminoso.

Os criminosos têm que ser punidos. Qual a punição compete à lei, mas não haver um meio de punir os que destroem a natureza é insânia, é estultice, é muito pouco inteligente. Isto se aplica a quem destrói florestas ou polui rios e baías e inclui a aceitação do cinismo de dizer que polui mas produz.

— Luiz Paulino Bomfim é Administrador de Empresa.